

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) FABRÍCIO GUARINO BARROSO

GUERRILHEIROS E TRAFICANTES: perigosa semelhança no Rio de Janeiro.

Rio de Janeiro

2018

CC (FN) FABRÍCIO GUARINO BARROSO

GUERRILHEIROS E TRAFICANTES: perigosa semelhança no Rio de Janeiro.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval,
como requisito parcial para conclusão do Curso de
Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval
2018

AGRADECIMENTOS

À Deus que me guia por toda a minha trajetória de vida.

À minha esposa Marina e ao meu filho Daniel, cuja ajuda e compreensão foram indispensáveis à minha dedicação a este trabalho.

Ao CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, pela atenção e entusiasmo na orientação deste trabalho.

Aos valentes policiais, militares e civis do nosso estado, que diariamente arriscam suas vidas, e àqueles que tombaram combatendo essa guerra, sem o justo reconhecimento da sociedade para a qual, firmemente, cumprem o juramento de servir e proteger.

RESUMO

O narcotráfico no Rio de Janeiro exerce o controle sobre diversas áreas de favela, por vezes, impedindo totalmente atuação do Estado. A reconquista desse território dependente da correta identificação dos problemas que alimentam as facções do tráfico. Este trabalho se propõe a apontar o caráter de guerra irregular demonstrado por essas facções. O desenho de pesquisa escolhido foi a comparação da teoria com a realidade. O modelo teórico escolhido foi de autoria do professor Friedrich August Von der Heydte. A investigação se inicia por uma abordagem histórica com o propósito de identificar a origem do *ethos* guerrilheiro-revolucionário no crime organizado. O *modus operandi* adotado pelo narcotráfico diante da implantação do Programa das Unidades de Polícia Pacificadora foi o aspecto da realidade selecionado para a comparação. Por meio desse confronto, concluiu-se que existem pontos de aderência suficientes para se considerar que de fato, há uma guerra irregular em andamento. Além disso, o estudo também permitiu constatar a grande importância do binômio apoio da população local e urbanismo desordenado das favelas, para a manutenção da estrutura de poder do tráfico. Por fim, o trabalho elucida a pertinência da aplicação do poder militar contra a referida ameaça e necessidade de adaptação das Forças Armadas brasileiras diante da possibilidade de virem a assumir o protagonismo na gestão do combate ao narcotráfico no Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Guerra Irregular. Unidades de Polícia Pacificadora. Narcotráfico. Facções criminosas. Rio de Janeiro.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 – Número de policiais mortos em serviço ou em folga entre 2003 e 2017.....	48
Gráfico 2 – Incidência de morte de policiais em serviço em UPP no mês de novembro de 2014.....	49
Gráfico 3 – Letalidade violenta entre 2003 e 2017.....	50
Gráfico 4 – Composição do indicador de letalidade violenta em áreas de UPP por semestre entre 2007 e 2015.....	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	ASPECTOS DA GUERRA IRREGULAR MODERNA DE HEYDTE	8
2.1	A guerra irregular segundo Heydte e a tradição russa.....	9
2.2	A contaminação do espaço.....	10
2.3	O movimento na guerra irregular.....	11
2.4	A influência do caráter da população sobre a guerrilha.....	13
2.5	O combate subterrâneo e a transição para o combate aberto.....	14
2.6	Conclusões parciais	16
3	A ATUAÇÃO DAS FACÇÕES NARCOTRAFICANTES NAS FAVELAS	20
3.1	A “Revolução” e as Drogas.....	20
3.2	O surgimento do ambiente propício à guerrilha urbana.....	24
3.3	O processo de ocupação pelo Comando Vermelho.....	26
3.4	A retomada do território.....	28
3.5	Conclusões parciais.....	32
4	A ATUAÇÃO DO NARCOTRÁFICO NO RIO DE JANEIRO À LUZ DA TEORIA DA GUERRA IRREGULAR MODERNA DE HEYDTE	35
4.1	A estratégia revolucionária soviética: da Alemanha Ocidental ao Rio de Janeiro	35
4.2	Os aspectos geográficos de Heydte e aplicados às favelas do Rio de Janeiro	36
4.3	O combate subterrâneo e a transição para o combate aberto contra as UPP	38
4.4	Conclusões parciais	40
5	CONCLUSÃO	43
	REFERÊNCIAS	46
	ANEXOS	48

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, o governo federal vem, de maneira crescente, empregando as Forças Armadas no combate à violência em diversos estados da federação, culminando no decreto de intervenção federal no estado do Rio de Janeiro em 2018. Invariavelmente, surge o questionamento quanto ao desvio da função precípua das Forças Armadas que é a garantia da soberania do Estado brasileiro sobre seu território.

Seriam então, os agentes causadores da violência interna, uma ameaça à nossa soberania? Intuitivamente, podemos ser levados a crer que não, pois, historicamente, a soberania dos Estados teve como principais inimigos, as ameaças estatais externas e os movimentos insurgentes, e não organizações criminosas. Entretanto, o que se observa é que o alto nível de desordem pública vem superando em muito, a capacidade das forças de segurança estaduais.

Aparentemente, o problema de segurança pública no Brasil, e em especial no estado do Rio de Janeiro, não está bem definido, o que tem por consequência a implementação soluções inadequadas. Em observância aos indícios de que o combate ao banditismo tem se mostrado ineficaz contra determinadas facções criminosas, neste estudo consideraremos a hipótese de que parte dos agentes perturbadores da ordem conduzem uma guerra irregular contra o estamento vigente.

A fim de contribuir para o refinamento da identificação do problema que as forças de segurança do Rio de Janeiro vêm enfrentado com o apoio das Forças Armadas, este estudo tem por propósito responder ao questionamento: a atuação das facções narcotraficantes do Rio de Janeiro apresenta aderência às práticas características das forças irregulares?

O modelo teórico selecionado para a comparação com a conduta do grupos narcotraficantes observadas no Rio de Janeiro foi o do Prof. Friedrich August Von der

Heydte, descrito na obra *A GUERRA IRREGULAR MODERNA EM POLÍTICAS DE DEFESA E COMO FENÔMENO MILITAR*. Da teoria, serão selecionados os aspectos ideológicos, controle territorial, formas de atuação, características do terreno e da população para fazer parte deste trabalho.

Em seguida serão apresentados fatos considerados pertinentes ao estudo, divididos em duas abordagens. Inicialmente será feita uma abordagem histórica com o propósito de situar-nos no contexto político-ideológico que antecedeu o surgimento das facções do narcotráfico carioca e seus momentos iniciais. Em uma segunda abordagem, nos concentraremos no comportamento do narcotráfico diante da implantação do programa de Unidade de Polícia Pacificadora (UPP).

O passo seguinte será a identificação de possíveis pontos de aderência entre a teoria e a realidade apresentada, visando a validação da hipótese levantada.

O trabalho não se propõem a analisar os erros e acertos do programa de implantação das UPP. Tampouco se propõe a apresentar soluções para o combate às organizações do tráfico de drogas. Nossa conclusão visará tão somente obter maior nitidez do problema que se apresenta, cuja solução tende a tornar as Forças Armadas protagonista na guerra oculta sobre a qual aspiramos lançar luz com nosso estudo.

2 ASPECTOS DA GUERRA IRREGULAR MODERNA DE HEYDTE

Dentre as inúmeras teorias publicadas no período da Guerra Fria (1947-1991), este estudo utilizará como base a teoria do Prof. Friedrich August Von Der Heydte. O Autor da teoria foi oficial da *Luftwaffe*¹, servindo em diversas funções de unidades de infantaria paraquedista, tomando parte em diversas batalhas da 2ª Guerra Mundial (1939-1945), entre elas nas Ardenas, na qual foi capturado e mantido como prisioneiro de guerra no Reino Unido até 1947. Após sua libertação, Heydte reingressou à carreira acadêmica, mantendo-se na ativa até 1962, quando foi promovido, tornando-se General de Brigada da Reserva.

A primeira edição da obra é de 1972, sob o contexto da Guerra do Vietnã (1955-1975). O autor pretendia demonstrar erros observáveis dos americanos na forma de tese. Já em sua segunda edição, a obra é acrescida de observações provenientes de ações de guerra Irregular sofridas pela Alemanha Ocidental.

Este estudo se utilizará de conceitos utilizados por Heydte ao descrever uma força irregular na obra “A GUERRA IRREGULAR MODERNA EM POLÍTICAS DE DEFESA E COMO FENÔMENO MILITAR”, e posteriormente compará-los às condutas adotadas por facções criminosas do Rio de Janeiro, em seu esforço de retomada do espaço perdido em decorrência da instalação das UPP.

Neste capítulo, serão apresentados os conceitos utilizado na obra de guerra irregular para descrever: a guerra irregular propriamente dita, a contaminação do espaço, o movimento na guerra irregular, a influência da população sobre a guerra irregular, o combate subterrâneo e a transição para o combate aberto.

¹ Ramo aéreo das Forças Armadas da Alemanha Nazista.

2.1 A GUERRA IRREGULAR SEGUNDO HEYDTE E A TRADIÇÃO RUSSA

A guerra irregular é normalmente conceituada como aquela na qual pelo menos uma das partes contendoras não são constituídas por grandes unidades, mas em pequenos grupos, e seu desfecho não é buscado por poucas e decisivas batalhas, mas sim por um elevado número de pequenas ações concretizadas por assaltos, atos de terrorismo e sabotagem, bombardeios e incursões (HEYDTE, 1986). Partindo dessa conceituação, é correto afirmar que conflitos, conforme a descrição acima, antecedem a formação de Forças Armadas regulares permanentes, cujos registros históricos apontam para o período em torno de 3000 a.C., sendo, portanto, a guerra irregular, a forma de guerra conhecida mais antiga (VISACRO, 2009). No entanto, é no período pós 2ª Guerra Mundial que os estudos militares convergem para a guerra irregular, buscando entendimento do notável fenômeno do período em que “bandos mal armados e malvestidos” obtiveram êxito sobre potências militares (HEYDTE, 1986).

O autor acredita na grande influência soviética sobre esse fenômeno, e considerou os Russos como o único povo com efetiva tradição de guerra Irregular, que se consolida desde o tempo de Pedro, o Grande (1672-1725). Heydte atribuiu a essa tradição a vitória sobre a Alemanha Nazista, experiência vivida *in loco* pelo autor. Em entrevista, Heyte declarou ter convicção da ligação direta entre os movimentos revolucionários na Europa, em especial na Alemanha Ocidental. Segundo ele, a ex-URSS “jogava” com todas as formas de guerra irregular, variando-a cada vez que as autoridades de países alvo lograram algum êxito sobre determinada forma de atuação dos movimentos insurgentes. Apesar das abundantes evidências encontradas durante suas investigações, o escritor não publicou em sua obra tais convicções por não ter obtido “provas de tribunal” conforme suas próprias palavras.

2.2 A CONTAMINAÇÃO DO ESPAÇO

O conceito de “contaminação do espaço” de Heydte constitui peça fundamental do trabalho, pois por ela iniciamos a aproximação entre forças irregulares e facções do narcotráfico do Rio de Janeiro.

Segundo Heydte, não faz sentido ao guerrilheiro ocupar ou manter uma área. Em momentos iniciais: ocorre a contaminação do espaço, que por definição significa

“limitar a liberdade de ação do inimigo na extensão mais ampla possível da área em questão, por meio de um número crescente de ações de guerra irregular. Sem expor suas próprias forças ao engajamento com o inimigo na área com atos de sabotagem em escala, especialmente contra itinerários de transporte, ataques a instalações de passagem obrigatória, armas isoladas, veículos isolados em deslocamento, pequenas colunas de suprimento e, afinal com mesmo grau de importância, mediante o terror contra a população civil. Exatamente como a contaminação por bactéria ou vírus de repente acontece, poupando este, atingindo aquele, e, de modo invisível mas sempre presente, só detectável por seus efeitos – desse modo o guerrilheiro desorganiza uma faixa do terreno” (HEYDTE, 1986, p.107).

A contaminação do espaço na guerra irregular tem por propósito dispersar e desgastar a força oponente, portanto, uma contaminação bem sucedida não é aquela provoca o abandono da área pela força legal em um momento inicial, mas sim aquela que a instiga a manter a área, desdobrando efetivos cada vez maiores e submetendo-se a crescentes perdas de pessoal e material.

Uma rápida evolução da contaminação do espaço para o domínio ostensivo de determinada área possibilitaria o estabelecimento de uma frente de batalha bem definida, permitindo às forças estatais a concentração de sua Força, fazendo então valer a sua vantagem de poder de combate. Até mesmo a simples identificação de áreas contaminadas e áreas não contaminadas já constituem relevante vantagem à força legal, uma vez que nessas condições o guerrilheiro perde o efeito de onipresença, tão importante para manter a tropa adversária dispersa.

Por sua vez a força irregular deve evitar o engajamento prolongado característico da defesa de território por posições fixas e fortificadas. Uma vez que seja possível estabelecer

pontos focais de esforço, o guerrilheiro fica isolado, e sob ataque permanente por todos os lados, certamente sucumbirá. Torna-se portanto, um importante talento guerrilheiro a capacidade de alterar rapidamente sua área de atuação. Daí surge a importância da mobilidade para a força irregular. Acrescenta-se à mobilidade do guerrilheiro o anonimato, que o permite transitar livremente até outra área, ou que se transforme imediatamente em um pacato cidadão residente na área de batalha. Tal facilidade torna praticamente impossível que se encontrem guerrilheiros em campos de batalha recém conquistados (HEYDTE, 1986).

Mesmo reconhecendo que a guerra irregular é a guerra da mobilidade por excelência, a posse de pelo menos uma base territorial constitui uma condição essencial ao sucesso de uma guerrilha. A base deve existir para lançar suas operações, atender a necessidades logísticas, e servir de refúgio a guerrilheiros sob perseguição, devendo então permanecer desconhecida pelo adversário e inacessível à conquista armada (HEYDTE, 1986).

2.3 O MOVIMENTO NA GUERRA IRREGULAR

A capacidade de movimentar-se na guerra é um dos fatores primordiais à obtenção da vitória, estando intimamente ligada às características do terreno. Nem mesmo todo avanço tecnológico militar foi capaz de libertar os combatentes das forças da natureza, seja pelas condições meteorológicas, seja pelas características do terreno, ou pela combinação de ambas. Por fim, as forças regulares, detentoras de vasta gama de meios de transporte, necessitarão de uma pesada estrutura logística, bem como ficarão restritas às faixas do terreno que permitam o trânsito de seus meios. Enquanto isso, a infantaria a pé, tem permeabilidade a praticamente qualquer tipo de terreno, podendo ainda usufruir de suprimentos disponíveis no ambiente e de acordo com o autor, podem rapidamente se dissolver no terreno (HEYDTE, 1986).

Inicialmente somos levados a crer que o combatente a pé, condição mais comum entre guerrilheiros, estaria menos sujeito às condições do terreno que uma força detentora do aparato bélico moderno convencional, como blindados e meios aéreos. No entanto, a força irregular tem sua mobilidade restrita justamente às áreas que limitam o trânsito ou a observação dos meios supracitados: montanhas elevadas, florestas extensas, matas densas, ou a complexa malha viária de uma grande cidade. O que realmente importa é que o terreno proporcione cobertura para a aproximação e para a evasão dos guerrilheiros, sendo essencial que o terreno impeça a reação da força legal por meios motorizados (HEYDTE, 1986).

Analisando as características que o ambiente urbano vai adquirindo com o aumento da densidade de construções, Heydte faz uma observação que constitui uma das bases do presente estudo ao considerar que “nossas grandes cidades poderão, *mutatis mutandis*, assumir com toda facilidade, um papel semelhante ao das selvas do Sudeste Asiático e da América Latina e o que os matagais da área mediterrânea desempenharam, até recentemente como terreno adequado à guerra irregular” (HEYDTE, 1986, p.130). Podemos então afirmar que o ambiente urbano tornou-se ainda mais propício à condução da guerra irregular, onde graças às incontáveis moradias em que os habitantes não se conhecem, altos edifícios e o intenso tráfego de pessoas e veículos pelas ruas, proporcionam ao guerrilheiro o tão buscado anonimato ao deslocar e abastecer, de modo praticamente indetectável (HEYDTE, 1986).

Baseado nas explicações do *Kollektiv Rote-Arme-Fraktion (RAF)*², o ambiente urbano preenche todos os requisitos necessários para a manutenção do anonimato dos guerrilheiros urbanos. A grande cidade concentra uma grande quantidade de alvos para ataques guerrilheiros, deixando o Estado sempre exposto em alguma parte, possibilitando

² Fração do Exército Vermelho, também conhecida como Grupo *Baader-Meinhof*, foi uma organização guerrilheira alemã de extrema-esquerda, fundada em 1970, na antiga Alemanha Ocidental, e dissolvida em 1998.

então que alguns poucos combatentes irregulares provoquem um grande desdobramento e dispersão das tropas legais. O mesmo grupo terrorista aponta ainda as vantagens do ambiente urbano sobre rural para a condução de ações guerrilheiras. Além da abundância de alvos compensadores, uma área rural pode ser isolada e considerada como área inimiga, permitindo à Força Estatal tratar de maneira excepcional tal área, esta medida é praticamente inviável em uma grande área urbana (HEYDTE, 1986).

2.4 A INFLUÊNCIA DO CARÁTER DA POPULAÇÃO SOBRE A GUERRILHA

Quanto mais desfavorecido pelo terreno for o guerrilheiro, mais dependente ele será do apoio da população local. Demonstradas as facilidades proporcionadas pelo ambiente urbano a uma força de guerrilha, a simpatia dos habitantes de sua área de atuação perde importância em relação a manutenção da cobertura e do anonimato. Além das características do terreno e a cobertura por elas proporcionada, a densidade populacional é um fator fundamental a ser considerado para a condução da guerra irregular moderna. Duas situações de densidade demográfica favorecem à guerrilha: locais onde a falta de povoamento torna improvável a observação de guerrilheiros, como por exemplo as florestas russas favoreceram à guerra irregular; ou locais tão densamente povoados que um pequeno grupo permaneça despercebido em determinada área. Uma densidade populacional com características diferentes das citadas, ou seja, nem vazias o suficiente para que nenhum habitante perceba a presença guerrilheira, nem cheia o suficiente para que vizinhos não se conheçam, um pequeno grupo de opositores que percebam comportamentos suspeitos e delatem às forças legais, podem inviabilizar o desenvolvimento da guerrilha (HEYDTE, 1986).

Outra observação acerca das características da população relevantes a este estudo é a disposição de um determinado povo para aderir a movimentos de guerra irregular. Existem

teses que defendem a existência de povos de natureza bélica e povos amantes da paz, o que para o autor carece de fundamentação, pois considera que a ocorrência de uma guerra irregular parte da pré-suposição da existência de potencialidades guerrilheiras em determinado povos. Segundo o autor guerrilheiros e soldados não são produzidos pela natureza, e sim treinados. Os incentivos podem vir do ambiente, da situação histórica, da influência de um líder carismático, do proselitismo revolucionário ou nacionalista que transforma um elemento comum em um guerrilheiro. Acrescenta-se às variáveis que determinam a forma e objetivo do *partisan*³, o desenvolvimento histórico de seu povo, as condições sociais e econômicas a qual é submetido, da política interna e internacional de seu país, mas guerrilheiros podem emergir a qualquer tempo, de qualquer povo (HEYDTE, 1986).

2.5 O COMBATE SUBTERRÂNEO E A TRANSIÇÃO PARA O COMBATE ABERTO

Segundo Heydte, a guerra irregular moderna se desenvolve em fases, se iniciando por uma fase preparatória, uma fase de combate subterrâneo, seguida da fase de transição para o combate aberto. Para o presente estudo, consideraremos ações guerrilheiras características dos combates subterrâneos e da transição para o combate aberto. A fase preparatória se reveste quase que exclusivamente de caráter político ideológico. Apesar da influência ideológica estar presente na formação da superestrutura do crime no Rio de Janeiro, a fase de preparação da teoria não será abordada neste estudo.

A segunda fase da guerra irregular moderna é a de maior aderência ao banditismo. Seu início se caracteriza pelo emprego da violência de forma generalizada, não sendo portanto possível enquadrar tais atividades como ações de combate. Durante o combate subterrâneo, o guerrilheiro busca desencadear grande quantidade ações de modo a dispersar a força legal,

³ Palavra de origem francesa que representa um membro de tropa irregular formada para se opor à ocupação ou controle estrangeiro sobre determinada área.

impedindo a concentração de sua capacidade de esforço. Uma vez fragmentada, a tropa é desdobrada em pequenos efetivos e em rotinas extenuantes, possibilitando seu isolamento, tanto material, por meio do corte das vias de comunicação com suas bases, e psicologicamente, retirando-lhe o apoio da população pela simpatia ou pelo terror.

Durante o combate subterrâneo, a força irregular sempre será a atacante, e concretizará a ofensiva por meio atos de puro e simples terror contra pessoas ou bens, sabotagens, execuções e em um estágio mais avançado desta fase, incursões armadas contra delegacias de polícia, postos militares avançados, instalações e viaturas isoladas, pequenos efetivos, ou grupamentos em deslocamento, nesse caso caracterizado como emboscadas (HEYDTE, 1986).

O combate subterrâneo caracteriza-se pela ausência de batalhas, considerando que estas consistem em interações nas quais uma força, pelo fogo e movimento, busca impedir os efeitos das armas inimigas e a movimentação adversária, e por outro lado permitir a movimentação das nossas forças. Assim sendo, apesar de afirmarmos que nessa fase a guerrilha é iminentemente ofensiva, raramente a vitória da guerrilha será alcançada por meio do combate subterrâneo. Os guerrilheiros portanto, passam a aceitar ou até mesmo buscar o engajamento, caracterizando a transição para o combate aberto. Nesta fase, as ações guerrilheiras passam a adotar posturas ofensivas ou defensivas de forma distinta (HEYDTE, 1986).

A chamada transição para o combate aberto não significa o fim das ações características do combate Subterrâneo. Representa sim o acréscimo de ações com nível de coordenação de escalões cada vez maiores, passando a constituir desde pelotões, podendo alcançar o nível coordenar ações de brigadas. Outro importante conceito utilizado pelo Prof. Heydte é o de território liberado, pois também será abordado no próximo capítulo, dados os comprovados espaços geográficos do Rio de Janeiro com alto grau de anomia em virtude do

Narcotráfico. Durante o combate subterrâneo, a clandestinidade do guerrilheiro é essencial ao sucesso de suas operações, chegando no máximo a contaminação do terreno. Quando a guerrilha alcança níveis de organização semelhantes aos de forças regulares, e a engajar em batalhas de longa duração, passa também a busca pela conquista de terreno tal qual na guerra convencional (HEYDTE, 1986).

A conquista de territórios por parte da guerrilha normalmente se inicia áreas contaminadas, que baseia a sua permanência na manutenção de bases clandestinas interligadas. Já o território liberado consiste em áreas evacuadas pelas forças de segurança, deixando aos guerrilheiros total liberdade de movimento, mesmo que temporariamente. Quanto mais tempo a força legal levar para perceber a transição para o combate aberto por parte dos guerrilheiros, maior será a rapidez da conquista de territórios liberados, e por conseguinte a intensificação do seu isolamento (HEYDTE, 1986).

O investimento contra os territórios “liberados” são revestidos de um importante fator complicador que é o fato de que normalmente os territórios liberados são circundados por áreas contaminadas, impondo à uma força atacante o desdobramento prematuro de suas forças. A área “liberada” será integralmente reorganizada em todos os setores da administração. Tão logo uma área seja liberada, os guerrilheiros criarão uma infraestrutura que sirva aos seus objetivos políticos e militares. Na guerra irregular, pelo fato de todo indivíduo ser um combatente em potencial, todo o confronto é acompanhado pela disputa pelos benefícios que a massa da população pode prestar, compelindo portanto os guerrilheiros a rapidamente reorganizarem a estrutura de governo local, adquirindo meios para exercer sua influência sobre a população, e ao mesmo tempo retirar do Estado a mesma capacidade (HEYDTE, 1986).

2.6 CONCLUSÕES PARCIAIS

A teoria exposta concentra trechos da obra que abrangem especificamente as questões espaciais. No entanto, como forma de sustentar a hipótese de que as facções narcotraficantes cariocas obtiveram conhecimentos sobre a condução de uma guerra irregular, o capítulo faz uma curta abordagem histórica, de modo a identificar uma fonte da tal expertise guerrilheira, que se espalhou pelo mundo após a Segunda Guerra Mundial. Heydte faz uma importante associação entre a ideologia vigente no território Russo à época, o Comunismo, e a tradição guerrilheira daquele povo. Ele também mantém no centro das atenções os diversos grupos revolucionários de origem socialista. Essa ideologia serviu de canal de transmissão das táticas e estratégias de guerra irregular por todo o globo, e no próximo capítulo será abordado esse elo entre a ideologia socialista revolucionária e o banditismo latino americano, em especial, o caso do Rio de Janeiro, com o propósito de permitir o entendimento de como conhecimentos bélicos tão refinados chegaram às facções criminosas, supostamente, desprovidas de interesse político.

A ocupação dos espaços pela contaminação descrita na teoria consiste em uma forma instintiva com que elementos em atividades ilegais procuram iniciar suas atividades em determinada área. A capacidade de manter atividades ilegais em determinada área produz um importante efeito de dispersão e desgaste das forças de segurança, logo esse efeito se torna tão eficaz quanto a extensão da área contaminada. As atividades realizadas nesta forma de ocupação do espaço são enquadradas na fase do combate subterrâneo pelo Prof. Heydte. Nesta fase, a clandestinidade é um elemento essencial às operações irregulares, e o movimentação de seus elementos, seja para as ações, seja para o reabastecimento, constitui um momento de exposição que torna o guerrilheiro dependente da cobertura proporcionada pelo ambiente.

O teórico faz observações a frente de seu tempo ao considerar o terreno urbano com alta densidade populacional como tão favorável à condução de operações irregulares quanto as selvas, matas e montanhas o foram a guerrilhas de outrora. A população local constitui outro importante elemento à manutenção do anonimato do guerrilheiro durante o combate subterrâneo. A alta densidade das grandes cidades permite que atividades suspeitas passem despercebidas pois o excesso de informações disponíveis nesses ambientes tornam as pessoas desinteressadas e incapazes de observar e delatar os guerrilheiros, o que permite a uma guerrilha urbana ser menos dependente da simpatia da população que em áreas rurais, priorizando a cobertura e a clandestinidade, em detrimento da conquista do apoio dos habitantes locais.

Uma vez alcançado um nível de desgaste e dispersão das forças legais que inviabilize ou dificulte a concentração do esforço para extirpar a presença guerrilheira de determinada região, e a força irregular alcance níveis de organização e poder de combate, compatíveis ao enfrentamento dessas forças dispersas, passando então à transição para o combate aberto. Nessa fase, os aspectos terreno e mobilidade passam por relevantes mudanças uma vez que o guerrilheiro busca assegurar porções do terreno de forma crescente e contínua, estabelecendo seu próprio ordenamento e estrutura de governo, buscando o isolamento físico e psicológico da força legal.

Apesar dos conceitos utilizados terem sido descritos em subseções distintas, cada um deles estará interligado às diversas abordagens feitas neste capítulo. A contaminação do espaço, que pode ser entendida como um grau de influência sobre determinado território, está associada à fase do combate subterrâneo, na qual a mobilidade do guerrilheiro é totalmente dependente do seu anonimato.

Quando o capítulo trata da fase da transição para o combate aberto, notamos também que o conceito de área liberada associa-se a ela como o grau de influência sobre a

área, característico dessa fase. Situação na qual a sua mobilidade já não depende mais do anonimato e sim do apoio da população, obtido pela simpatia ou pela coerção. Portanto, o estabelecimento dessas duas posturas perante a população está associado à consolidação de uma área liberada, situação na qual o insurgente estabelece sua estrutura própria de controle.

É importante observar que apesar de as fases do combate subterrâneo e da transição para o combate aberto serem subsequentes, o início de uma não significa o encerramento da outra. O mesmo ocorre com as ações características de cada fase, que permanecerão ocorrendo separadas apenas no espaço, e não no tempo. Tal simultaneidade dificulta a percepção do *status* exato em que se encontra a guerrilha, por parte da força contra-insurgente.

3 A ATUAÇÃO DAS FACÇÕES NARCOTRAFICANTES NAS FAVELAS

Este capítulo tem por objetivo investigar a realidade do narcotráfico no Rio de Janeiro, com o propósito de, em fase posterior da pesquisa, realizar a comparação desta realidade com a teoria descrita no capítulo anterior. Em um primeiro momento, será feita uma abordagem histórica, iniciando pelo período da Guerra Fria, mais especificamente nos anos 1950, a fim de demonstrar evidências do interesse concreto da ex-URSS em aproximar a sua estratégia revolucionária do tráfico internacional de drogas, em especial na América Latina.

Na linha do tempo de interesse para o trabalho, segue-se a ocorrência, na década seguinte, da transferência de conhecimentos sobre movimentos insurrecionais, oriundos do bloco comunista, aos criminosos do Rio de Janeiro. Uma segunda abordagem, ainda histórica, trata de aspectos territoriais. Iniciaremos essa abordagem por um breve histórico sobre a formação das favelas e a ocupação levada a termo pelo facção de maior destaque à época, o Comando Vermelho (CV).

O marco seguinte da linha do tempo adotada para o estudo será o estabelecimento das UPP, com o enfoque principal sobre as condutas adotadas pelas facções que perderam seu espaço de atuação, bem como as medidas observáveis do ponto de vista tático e estratégico para se adaptar a nova política de segurança e o esforço de retomada do território.

3.1 A “REVOLUÇÃO” E AS DROGAS

A influência soviética sobre movimentos revolucionários, que eclodiram em grande quantidade durante o período da Guerra Fria, são parte importante das observações

feitas pelo Prof. Heydte, conforme citado no capítulo anterior. O referido período é de vital importância para este estudo, pois nele ocorre a sofisticação da conduta das facções criminosas em todo o mundo, inclusive no Rio de Janeiro. A obra “*Red Cocaine*” do Dr. Joseph D. Douglass Jr. (1935-2014), que trabalhou como analista de segurança nacional dos EUA, descreve a estratégia soviética para a Guerra Revolucionária como uma estratégia global, sendo a estratégia soviética de narcóticos enquadrada por ele como subcomponente dessa primeira. Douglass explica em seu livro que, segundo o General Jan Sejna⁴(1927-1997), a estratégia revolucionária básica modernizada, elaborada entre 1954 e 1956, resumia-se em cinco grandes passos: o treinamento de líderes para os movimentos revolucionários, o treinamento para o terrorismo internacional, a utilização do tráfico internacional de drogas, a infiltração no crime organizado e o planejamento e o preparo para a sabotagem do mundo, o que pode se entender como o estabelecimento do caos na sociedade ocidental (DOUGLASS, 1999).

As Forças Armadas dos EUA já manifestavam, em meio a Guerra Fria, a preocupação com a possibilidade de emprego de militares no combate ao narcotráfico. Além do drama social causado pelas drogas na sociedade norte-americana, percebemos outra ameaça à segurança do Ocidente: o surgimento de movimentos insurretos pró-comunistas em todo o mundo. O Narcotraficante Colombiano Carlos Lehder Rivas, capturado e extraditado em fevereiro de 1987, gabava-se ao afirmar que “a coca transformou-se em arma revolucionária na luta contra o imperialismo norte-americano”. O narcotráfico, segundo o órgão de repressão aos entorpecentes, estabeleceu-se como apoiador financeiro para insurreições rurais, terroristas urbanos, movimentos de libertação, traficantes de armas e funcionários de altos cargos corruptos (HERTLING, 1990).

⁴ Major-General do Exército da ex-Tchecoslováquia é conhecido como um dos oficiais mais graduados do bloco comunista a desertar para o ocidente.

No Brasil, o encontro entre guerrilheiros treinados em países do bloco comunista e criminosos de alta periculosidade ocorreu na galeria B do presídio Cândido Mendes, na Ilha Grande. A Lei de Segurança Nacional de 1969 passou a considerar crimes de alta periculosidade as ações implementadas por grupos de extrema esquerda, pondo na prisão em um mesmo ambiente guerrilheiros treinados e criminosos considerados de alta periculosidade. Após a Lei da Anistia, a partir de 1975, os presos políticos foram libertados, entretanto os demais criminosos permaneceram. Nasceu, do convívio entre guerrilheiros e criminosos comuns, a Falange Vermelha (assim chamada por deferência aos colegas marxistas), que ao final dos anos 70, dominou as demais facções (RODRIGUES, 2012).

Diversos autores documentaram a transferência de conhecimentos da guerrilha para o crime, porém de forma genérica. No entanto, a obra “A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci” de Olavo de Carvalho (1947-), analiticamente, listou quais foram os conhecimentos apreendidos pelo CV, de certa forma adaptados e aperfeiçoados.

No aspecto organizacional, as principais heranças deixadas ao crime organizado incluíram a estrutura de comando hierarquizada e disciplinada, métodos de comunicação em código e principalmente as técnicas de propaganda, que deram ao CV a habilidade de transformar ações criminosas violentas em “espetáculos de protesto” que contribuíram para a conquista da simpatia de parcela da população. No aspecto técnico e tático, a gama de conhecimentos transmitidos é vasta e portanto serão citadas apenas atividades de destaque que são de maior interesse para o estudo. São elas:

- realização de ações simultâneas, para desorientar as forças de segurança e com o mesmo propósito, se utilizar de ações diversionárias como ataques e bloqueios a unidades policiais;

- planejamento da evacuação e atendimento a feridos, a fim de evitar a delação por vingança de bandidos deixados à própria sorte;
- planejamento preciso de modo proporcionar rapidez e minimizar o uso da violência por ocasião dos assaltos;
- técnicas retirada da ação aproveitando-se da conformação das ruas, do congestionamento, ou provocação deliberada de acidentes de trânsito;
- sistema de “aparelhos” que consistem em imóveis localizados em pontos estratégicos da cidade, para ocultar fugitivos após as operações, guardar armas e munições etc; e
- fabricação de armas e explosivos improvisados (CARVALHO, 2014).

Carvalho acrescenta, ainda, que o conjunto das instruções passadas aos criminosos forma um curso completo de guerrilha urbana, construído sobre uma bibliografia especializada, dentre a qual destacam-se “O pequeno manual do guerrilheiro urbano”, de Carlos Marighela e a “Guerra de guerrilhas”, de Che Guevara (CARVALHO, 2014).

Após a libertação de alguns elementos no início dos anos 80, o agora conhecido como CV, a facção passou para uma fase de implementação dos conhecimentos obtidos com os guerrilheiros e iniciou uma onda de assaltos a banco e sequestros. No entanto, essa fase é rapidamente abandonada em favor de um novo e promissor negócio: o tráfico de drogas (RODRIGUES, 2012).

O CV passou então a buscar o estabelecimento do controle dos morros cariocas. Uma vez estabelecido no território, pôs em vigor um ordenamento próprio, instituindo regras de convivência, punindo os contraventores destas regras e prestando assistência à população (desde a compra de remédios a pagamento de pensões às viúvas dos mortos em enfrentamentos). Se utilizando do proselitismo marxista da necessidade de justiça social e de

resistência ao Estado, apreendido no presídio da Ilha Grande, o CV conquistou a confiança e a colaboração dos moradores de suas áreas de atuação (RODRIGUES, 2012).

A conexão entre a guerrilha comunista brasileira e a influência da expertise adquirida pelos narcotraficantes nas táticas e estratégias aplicadas nas favelas cariocas ganham mais clareza quando se analisa as palavras de William Lima da Silva, o Professor, considerado fundador e mentor do CV, gravadas em depoimento, em janeiro de 1991.

William comenta que “alguns intelectuais” pretendiam usar o CV na luta política:

“Alguns deles, pequeno-burgueses, pretendiam usar nossas comunidades e nossa organização com finalidades políticas. À medida que não nos deixamos usar, comprovamos, sem soberba, que conseguimos aquilo que a guerrilha não conseguiu, o apoio da população carente. Vou aos morros e vejo crianças com disposição, fumando e vendendo baseado. Futuramente, elas serão três milhões de adolescentes que matarão vocês [a polícia] nas esquinas. Já pensou o que serão três milhões de adolescentes e dez milhões de desempregados em armas? Quantos Bangu I,II,III, IV, V... terão que ser construídos para encarcerar essa massa?” (AMORIM, 1994, p.210).

Levando em consideração o plano estratégico soviético denunciado por Sejna em 1974 e essas palavras de William da Silva, não é ilícito considerar que intelectuais revolucionários postos em intenso convívio com criminosos perigosos tenham sido do interesse dos próprios movimentos revolucionários existentes no país, sabidamente influenciados pelo bloco comunista.

3.2 O SURGIMENTO DO AMBIENTE PROPÍCIO À GUERRILHA URBANA

A história da formação das favelas⁵ do Rio de Janeiro remontam o século XIX, provenientes de desmobilizações de grandes efetivos militares, em especial da Revolta de Canudos e da Guerra do Paraguai. Desde então, a área negligenciada pelo Estado veio

⁵ Agrupamento de residências, sem nenhuma ou com poucas condições de habitabilidade, ou seja, sem infraestrutura e, originariamente, sem legalidade da situação fundiária (PEREIRA, 2001, P.15).

expandindo-se de forma desordenada e seu adensamento reforçado pela liberação da mão de obra escrava e pelos diversos fluxos migratórios ocorridos no país (PEREIRA, 2001).

A ausência do Estado, a alta densidade populacional e a irregularidade dos arruamentos e construções, tornaram-se um fértil terreno para acolher as nascentes facções narcotraficantes de cocaína na América Latina. O artigo *“Beyond the Unidades de Polícia Pacificadora: Countering Comando Vermelho’s Criminal Insurgency”* escrito por *Claudio Ramos da Cruz e David H. Ucko*, publicado no periódico *“Small Wars & Insurgences”* contém uma sucinta e esclarecedora análise do efeito desta desordem. Cruz e Ucko descrevem as favelas como verdadeiros labirintos resultantes de uma urbanização desordenada, normalmente em terrenos elevados, que produziram uma geografia que desencoraja tanto o trabalho policial como a presença do Estado enquanto propicia aos traficantes, particularmente aqueles detêm o apoio local, um ambiente operacional seguro (CRUZ; UCKO, 2018, p.43).

Concluimos então que se forma uma espiral de agravamento, na qual a ausência do Estado degrada as condições do terreno, que por sua vez torna mais difícil a atuação do Estado. Este ambiente operacional, normalmente localizado em terrenos elevados e com uma grande irregularidade de construções favorecem taticamente à defesa, tanto pelas além boas condições de observação, como pela abundância de cobertas e abrigos. Tais condições dificultam sobremaneira o avanço da força estatal sobre áreas desconhecidas, tendo o seu movimento restrito às vias principais, praticamente inviabilizando a manutenção do sigilo de uma aproximação da força policial e expondo-a ao fogo das sofisticadas armas do tráfico⁶.

Além da vantagem tática, o ambiente urbanisticamente desorganizado favorece à logística do tráfico. A dificuldade de acesso e a poluição visual causados por essa desordem, dificultam a detecção de depósitos de armas e munições, dinheiro, veículos e cargas roubadas;

⁶ Considerações feitas pelo autor deste estudo, tendo como base os conhecimentos próprios oriundos da formação profissional como oficial do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil.

até tuneis clandestinos são utilizados para incrementar a mobilidade dos criminosos. A liberdade de movimento conquistada pelo tráfico nessas áreas permite que os seus integrantes se abasteçam de víveres no comércio local como qualquer outro morador daquele ambiente. De todas as facilidades logísticas apresentadas até agora, a abundância de potenciais recrutas para o narcotráfico é fundamental para explicar a perenidade dessas organizações. As favelas tem por característica o alto índice evasão escolar, o que contribui para a estimativa de que no Rio de Janeiro existem cerca de seis mil jovens em situação considerada vulnerável à cooptação pelo crime. A situação é agravada pela cobiça que o status social de traficante provoca nesses jovens, transformando as favelas em fontes inesgotáveis de novos recrutas às facções criminosas (CRUZ; UCKO, 2018).

3.3 O PROCESSO DE OCUPAÇÃO PELO COMANDO VERMELHO

O urbanismo deficiente das favelas concentra condições excelentes para o desenvolvimento de um ambiente totalmente propício à realização de atividades ilegais, em especial a anomia. As favelas do Rio de Janeiro eram refúgio de muitos daqueles delinquentes que outrora ingressaram no Instituto Penal Cândido Mendes. Entraram como indivíduos perigosos, saíram como membros fundadores da Falange Vermelha, facção dominante do presídio. Mais tarde, já chamada CV, a facção dominou a maior parte dos morros do Rio de Janeiro se utilizando das técnicas de propaganda revolucionária: adotou como “*slogan*” a busca pela justiça social e ações de distribuição de bens em favor da população. A população das áreas carentes, já descrentes no Estado, passou a simpatizar com domínio estabelecido pelo CV. A contaminação do espaço ocorreu de forma rápida e eficaz graças ao vácuo estatal característico das regiões de favelas do Rio de Janeiro (RODRIGUES, 2012).

O policiamento à época era conhecido por ter uma postura reativa e de caráter repressivo e violento nas favelas. Essa falha de conduta policial alimentou o populismo

ideológico do governador eleito em 1982, Leonel de Moura Brizola. Pondo em prática sua lógica própria de direitos humanos, o governo do estado proibiu a polícia de entrar nas favelas sem motivo evidente, reforçou o direito da inviolabilidade do domicílio e instituiu o direito de uma chamada telefônica a todos os detidos. Tais medidas representaram uma real evolução quanto ao aprimoramento do Estado Democrático de Direito, no entanto, os valores de liberdade individual tão valorizados no ocidente, abrem perigosas oportunidades para o fortalecimento de um movimento insurgente bem preparado, exatamente como descrito por Amorim: “o crime organizado explorou com habilidade cada uma dessas demonstrações de civilidade do governo estadual” (AMORIM, 1994, p.118).

Por mais coerente que parecesse, a proibição das incursões policiais nas favelas permitiu a rápida reversão do status de área contaminada, para condições similares aos de áreas liberadas, permitindo o estabelecimento de uma superestrutura do narcotráfico, desde o ordenamento “jurídico” próprio, até fortificações de defesa de área tanto para enfrentar ataques de facções rivais como da polícia. A primeira fase de ocupação se deu sem a percepção do Estado. Os enfrentamentos passaram basicamente a consistir na luta por território entre facções rivais, levando as facções a uma “corrida armamentista” e a construção de toda uma infraestrutura de defesa de área (AMORIM, 1994).

Foram feitas diversas tentativas de políticas de combate ao tráfico desde que se detectou a autoridade paralela instalada em plena cidade do Rio de Janeiro. A partir de 1988, o Estado aumenta a repressão ao crime organizado, conseguindo de certa forma enfraquecer o CV, abrindo o espaço suficiente para as ascensão de antigos rivais como o Terceiro Comando (oriundo do mesmo presídio de onde se dá a origem do CV), e ainda encorajando o surgimento de grupos dissidentes como a facção “Amigo dos Amigos” (ADA), “fundada” em 1994 (RODRIGUES, 2012). Doravante este trabalho passa a se referir às facções

narcotraficantes de forma genérica em virtude da perda da hegemonia do CV em relação ao controle de áreas cobertas pelas favelas do Rio.

Limitaremos nossa investigação sobre o *modus operandi* do narcotráfico ao período de implementação do projeto que pareceu ser a solução definitiva para a recuperação do território: a presença permanente da força policial nas áreas consideradas de risco por meio das UPP.

3.4 A RETOMADA DO TERRITÓRIO

O projeto das UPP foi baseado nos princípios da polícia de proximidade, que tem sua estratégia fundamentada na busca do estabelecimento de uma relação de parceria entre a comunidade e as instituições da área de Segurança Pública, principalmente, por meio da presença permanente da polícia. Teve por objetivo a “retomada permanente de comunidades dominadas pelo tráfico”⁷.

A instalação das UPP se iniciou em 2008, no entanto foi em 2010 que o projeto ganhou popularidade entre os brasileiros e a mídia internacional, especialmente pelo pesado apoio prestado pelo poder militar para a retomada dos territórios. Apesar de as facções criminosas já possuírem territórios com características similares a de áreas liberadas, com infraestrutura defensiva, e a aceitação de engajamento com a força estatal, os criminosos jamais haviam lidado com uma força da envergadura como a mostrada na ocupação da Vila Cruzeiro pelas Forças Armadas (SAMPAIO, 2014).

O que pôde ser observado pelas imagens produzidas pela mídia à época, foi exatamente o que se espera de guerrilheiros experientes: evitaram engajamentos decisivos,

⁷ (Disponível em <http://www.upprj.com/index.php/o_que_e_upp>. Acessado em 29 jun 2018).

retraíram para áreas de difícil acesso e dispersaram-se em outras pequenas comunidades não contempladas pelo projeto das UPP, mantendo a contaminação da área.

Após o revés inicial, as facções criminosas adaptaram seu modus operandi à nova política de segurança: os pontos de venda passaram a ser móveis, a guarda de armas e munição descentralizada e o curto espaço de tempo em que a polícia vinha obtendo sucesso, não foi aproveitado pelo governo para levar os serviços estatais à população das favelas. A organização urbana fundamental para o exercício do controle do Estado, em nada foi alterada, mantendo a geografia (terreno e população) favorável aos criminosos.

O sucesso inicial da instalação das UPP vinha se concretizando, não só pela relativa facilidade com que as Operações de Pacificação avançaram sobre os territórios antes considerados sob controle do tráfico, mas também por números: o índice de homicídios registrados nas favelas sem UPP, no período de 2006 a 2011, era de 9,06/100.000 habitantes enquanto as favelas pacificadas registravam o índice de 1/100.000 habitantes para o mesmo período. Os narcotraficantes perderam sua liberdade de movimento o que deu a população uma sensível melhora na sensação de segurança (SAMPAIO, 2014).

3.5 O DECLÍNIO DO PROGRAMA DE SUCESSO

Os resultados positivos podem ter despertado interesses políticos do governo do estado, que determinou a expansão da área de cobertura das UPP, tirando do projeto a capacidade de aprimoramento da qualidade em prol da quantidade. As autoridades políticas, por si só, reduziram a eficácia do processo de estabilização das áreas pacificadas com o propósito de acelerar a instalação de UPP. A estabilização deficiente permitiu aos meliantes, com conhecimento de táticas de guerrilha, implementarem um vigoroso combate subterrâneo.

Observando o gráfico 1 concluímos que a partir de 2012, ano que marca a aceleração e expansão do programa das UPP, que o assassinato de policiais voltou a subir. Conforme a observação feita por Sampaio, após 2012, a proporção média de policiais caiu de 18/1.000 habitantes, para 15/1.000. Na figura 2 podemos constatar a que, quanto maior a dispersão, maior o número de policiais das UPP mortos em ação (SAMPAIO, 2014).

Os gráficos 3 e 4 permitem observar a queda de diversos indicadores de violência nos anos iniciais do projeto. Observamos também um ponto de inflexão, indicando a retomada da tendência de crescimento dos índices de violência que pode ser um forte indício da expansão desequilibrada das UPP, pulverizando o efetivo policial do estado. A redução do investimento por unidade, desequilibrou o poder de combate nas áreas ocupadas, o que pôde ser observado não só pelos ataques às UPP e aos seus agentes, mas também pelo retorno de enfrentamentos entre facções em disputa por pontos de vendas de drogas nas favelas já pacificadas.

As estruturas frágeis sem qualquer proteção balística, sem estoques de munição suficientes para rechaçar ataques organizados pelos criminosos produzem um forte impacto no moral da tropa componente das UPP, normalmente novatos, preparados e equipados para o policiamento comunitário e não para operações contra forças irregulares. A presença policial tornava-se cada vez mais rarefeita, dando ao tráfico a oportunidade de reocupar as áreas que outrora foram retomadas pelo Estado (SAMPAIO, 2014).

Como insurgentes bem preparados, as facções do narcotráfico, em especial o CV, tiraram proveito de cada falha cometida pelo Estado, com ações violentas e não violentas, deixando indícios de um elevado grau de coordenação. Após desencadearem uma série de atentados deliberadamente contra policiais nas UPP, um dos pontos considerados fortes do programa entrou em cheque: mobiliar as UPP com militares dedicados a polícia de

proximidade, que desse ênfase no convívio colaborativo com a sociedade (CRUZ; UCKO, 2018).

O enfoque na política de aproximação, um dos pilares das UPP, e a alta demanda gerada pela expansão do programa, reduziu o tempo e a qualidade da estabilização feitas normalmente pelas unidades especiais da PMERJ. Com o recrudescimento da violência imposta pelas facções, percebemos que as guarnições das UPP com um alto índices de novatos, treinados para polícia de proximidade não eram mais adequadas ao novo ambiente moldado pelos traficantes. O Secretário de Segurança então determinou o reforço das UPP com militares das unidades especiais, mais eficazes para o combate aos tráfico organizado em forma de guerrilha, no entanto comprometendo o policiamento comunitário (SAMPAIO, 2014).

Derrubado um dos pilares das UPP, o tráfico demonstrou que as semelhanças com movimentos insurgentes vão além da técnica e da tática. Podemos dizer que a exploração da opinião pública, além de contribuir para o descrédito do programa das UPP como nova e eficiente política de segurança, um duro golpe ao projeto no nível político, criava uma ambiente de caos na favela, dispersando ainda mais a força policial, contribuindo taticamente para as ações dos criminosos. Um dos exemplos mais emblemáticos foi a morte do Dançarino Douglas Pereira em um confronto no Morro do Pavão Pavãozinho, na zona sul do Rio, em abril de 2014. Por participar de um programa da Rede GLOBO, o caso teve especial repercussão na mídia. Foram observados que os diversos ataques às bases de UPP eram precedidas de violentas manifestações de moradores. Em setembro foi ao ar na Rede GLOBO, uma gravação feita pela Polícia Federal na qual eram transmitidas ordens do CV às populações locais que produzissem protestos com o propósito de facilitar o ataque às estruturas das UPP (SAMPAIO, 2014).

3.6 CONCLUSÕES PARCIAIS

A ex-URSS foi uma grande disseminadora da expertise dos movimentos revolucionários ao redor do mundo. A sua estratégia revolucionária incluía o planejamento e a organização do tráfico de cocaína na América Latina entre os anos 50 e 60, como uma forma de promover um ataque subversivo à sociedade ocidental, em especial contra os EUA. Em uma formidável coincidência, a partir de 1969, no Brasil, pela Lei de Segurança Nacional, criminosos de alta periculosidade passam dividir celas com agentes subversivos treinados, oriundos dos movimentos revolucionários comunistas que atuaram em nosso país no mesmo período. O convívio propiciou um primeiro contato entre guerrilheiros e os futuros narcotraficantes do CV.

Cabe considerarmos nesta análise que muitos dos guerrilheiros dos anos 60, após a Lei da Anistia, inseriram-se na política nacional e por uma repetida coincidência, dos anos 80 até nossos dias, observamos o Estado sabotando sua própria força no combate ao crime, como o exemplo da proibição da entrada da polícia nas favelas, criando verdadeiras áreas liberadas. Este trabalho não tem o intuito de afirmar que todos estes eventos estão interligados, nem tampouco é capaz de comprovar essas ligações, mas sim demonstrar que haviam interesses de uma potência mundial, a ex-URSS, em disseminar os conhecimentos de guerrilha pelo mundo, tendo como principal vetor o proselitismo socialista, o que de fato ocorreu no Rio de Janeiro entre 1969 e 1979.

A urbanização caótica encontrada nas regiões mais carentes do Rio reuniu condições ideais para a instalação de uma guerrilha. Áreas de difícil acesso e com alta densidade populacional, propiciam alto grau de liberdade de movimento para os traficantes. Normalmente, ocupando as áreas mais elevadas, os criminosos detêm o favorecimento tático tanto para a observação como para o enfrentamento.

A logística do tráfico é facilitada pela proximidade do comércio legal, permitindo que seu abastecimento de gêneros não seja em nada diferente dos demais moradores, não participantes da facção. A obscuridade proporcionada pela ausência total de urbanismo facilita também o abastecimento ilícito de drogas, armas e munições. Das privações sofridas por guerrilheiros citados na história, o traficante de drogas do Rio de Janeiro não deixa sequer de ter o seu convívio social, neste caso, ele é aprimorado, dado o status de respeito que detêm nas suas áreas de domínio. A principal vantagem que a favela oferece ao narcotráfico é a inesgotável fonte de recrutas, jovens sem perspectivas de vida, que só enxergam no tráfico de drogas, a oportunidade de ascensão social.

Alguns dos aprendizes de guerrilheiros libertados ou fugitivos, chegaram às comunidades carentes onde encontraram as condições ideais para por em prática as táticas de assalto a banco e sequestros, e principalmente, estabelecer uma estrutura de conquista do apoio da população. Em um primeiro momento, o Estado já ausente não criou dificuldades para a contaminação do espaço. Instalaram suas bases para o desencadeamento de assaltos e sequestros. Entretanto, a liberdade total de movimento fornecida pelo próprio Estado aos criminosos nas favelas, permitiu a rápida evolução das favelas para a condição de área liberada, dando plenas condições do CV estabelecer toda a estrutura necessária para instalar no Rio de Janeiro, um grande “Hub” de processamento e distribuição do tráfico internacional.

O programa de instalação das UPP, com sua política de presença permanente e de aproximação da população denota seu caráter contrainsurgente, o que nos leva a crer que o Estado não desconhece o problema. Tanto que o projeto obteve um relevante sucesso nos primeiros anos, reduzindo os índices de violência em até 75% nas áreas pacificadas. É difícil saber se o erros que levaram a política de segurança pública a uma fase de declínio são fruto de incompetência do poder público ou da corrupção a ele associada, mas o que é fato é que a capacidade organizacional dos traficantes foi subestimada.

Podemos dizer que o esforço da Polícia Militar proporcionou pelo menos quatro anos de condições favoráveis para o Estado consolidar sua presença nas áreas pacificadas. A estruturação urbanística, condição necessária, mas não suficiente, para consolidar a presença estatal e reduzir as vantagens proporcionadas ao narcotráfico, não ocorreu. As facções encontraram tempo para se reorganizarem nas áreas não pacificadas e contra-atacaram por meio do combate subterrâneo. Passaram a atuar pelo assassinato sistemático de policiais e pela instigação de levantes populares contra sedes das UPP, atacando a Política de Segurança Pública que vinha levando o narcotráfico à derrota.

Cabe aqui ressaltar uma diferença entre as facções narcotraficantes do Rio de Janeiro e os movimentos revolucionários. Ao narcotráfico não interessa a extinção da estrutura estatal, como seria o caso do segundo. Notamos que o efeito desejado do CV foi desmoralizar o projeto de polícia pacificadora. Desde o reestabelecimento de sua estrutura de apoio à população, bem como o desencadeamento de ações táticas e políticas (estas por meio da mídia), a assertividade de Cruz e Ucko ao nomearem o CV como insurgência criminal.

4 A ATUAÇÃO DO NARCOTRÁFICO NO RIO DE JANEIRO À LUZ DA TEORIA DA GUERRA IRREGULAR MODERNA DE HEYDTE

O propósito deste capítulo é obter subsídios para concluir se há ou não aderência entre o modelo teórico de guerra irregular de Friedrich August von der Heydte, apresentado no capítulo dois, e o processo de formação e o *modus operandi* adotado pelas facções narcotraficantes do Rio de Janeiro.

4.1 A ESTRATÉGIA REVOLUCIONÁRIA SOVIÉTICA: DA ALEMANHA OCIDENTAL AO RIO DE JANEIRO

Em entrevista contida nos elementos pré-textuais de sua obra, Heydte expressa a sua convicção acerca da participação direta da ex-USRR na organização dos grupos terroristas que assolavam a Alemanha Ocidental nos anos 80. De acordo com a entrevista, o autor afirma considerar o povo russo como o único detentor de uma efetiva tradição de guerra irregular, o objeto de estudo de sua obra. Considerando que o modelo teórico de guerra irregular apresentado tem alto teor de influência soviética, podemos concluir que a exposição da estratégia revolucionária soviética moderna feita por Douglass na obra “*Red Cocaine*”, além de embasamento documental e testemunhal abundante, estava sendo constatada pela observação de Heydte.

No Brasil, o estudo trouxe para análise a conexão estabelecida entre os guerrilheiros de linha ideológica comunista e os criminosos alta periculosidade ocorrida no presídio da Ilha Grande. Ressaltamos a proximidade temporal entre o estabelecimento da estratégia soviética ocorrida em 1954 e o convívio de uma década (1969-1979) entre guerrilheiros treinados e bandidos comuns. O estabelecimento dessa conexão propiciou a

condução de um curso de insurgência completo e eficiente. Tal eficiência pôde ser comprovada na década de 80, quando em um curto espaço de tempo, o CV detinha mais prestígio entre a população carente do que a guerrilha havia conquistado em todo o seu período de atividade.

4.2 OS ASPECTOS GEOGRÁFICOS DE HEYDTE E APLICADOS ÀS FAVELAS DO RIO DE JANEIRO

O modelo teórico adotado para o estudo descreve duas formas ocupação de espaço: a contaminação do espaço e a área liberada. A primeira situação ocorre normalmente nos momentos iniciais do surgimento de uma guerrilha. Neste momento, os guerrilheiros foram comparados a um vírus, que não podem ser detectados a não ser pelos sintomas. A teoria diz que uma contaminação bem sucedida não provoca a saída imediata das forças legais de modo a desgastá-la ao máximo antes de sua saída.

No entanto, o narcotráfico não tem por objetivo o fim da estrutura estatal, sendo assim, prevalece a busca maximização dos lucros. Dada essa diferença entre os objetivos de uma insurgência e facções criminosas, no Rio de Janeiro, não houve a preocupação de desgastar da força policial antes de tornar suas posições insustentáveis e, por consequência, provocar sua retirada: por vezes a área alvo já não dispunha de presença policial.

A contaminação dessas áreas já negligenciadas pelo Estado fez com que a força policial desencadeasse uma repentina e intensa atuação nas favelas. Como rapidez e intensidade são, normalmente, antagônicos à precisão, os danos colaterais dessa pressão feita pela polícia provocou insatisfação entre o moradores das favelas.

Diante da perda de popularidade da força policial, o governo de estado optou por retirar o apoio de seus próprios agentes. Em 1983, por si só impediu a atuação da polícia nas

áreas contaminadas, dando ao tráfico uma valiosa oportunidade de estabelecer áreas com características de áreas liberadas conforme descrito no capítulo dois. Habilmente, o CV aproveitou cada momento para firmar-se no terreno e incrementar seu nível de influência sobre a população.

Segundo Heydte, uma vez que a contaminação do espaço tenha sido bem sucedida, a força irregular evolui em níveis de organização e poder de combate até que tenha condições engajar forças regulares e defender seu território, criando então áreas liberadas, onde o ordenamento estatal é dissolvido e passa a vigorar a ordem da insurgência. O que pudemos observar no Rio de Janeiro nos anos 80 foi a ausência do Estado oficializada pelo governo, retirando seu único representante que subia os perigosos morros ocupados pelo crime: a Polícia. Podemos dizer que o surgimento, *mutatis mutandis*, de áreas liberadas em plena região metropolitana foi rápida e simples. Como a atuação da polícia havia sido praticamente anulada pelo próprio governo, concluímos então que o crescimento da capacidade organizacional e do poder de combate dos traficantes se deu em função do enfrentamento contra outras facções emergentes, e não contra as forças de segurança.

Heydte constatou que a intensa urbanização sofrida pelo mundo proporcionou ambientes mais favoráveis às força irregulares que as florestas e montanhas de outrora. Sua descrição da alta densidade populacional e de construções que tornam praticamente impossível a distinção entre criminosos e o resto da população parecem descrever com exatidão as favelas do Rio de Janeiro. As estrutura de becos e túneis, dão ao traficante mobilidade para a manutenção de suas atividades ilegais. Do outro lado, a tropa regular fica exposta por ter o deslocamento restrito às vias principais, o que minimiza a sua vantagem de superioridade em poder de combate.

Além das vantagens táticas, o estudo destacou a vantagens logísticas que as favelas oferecem ao tráfico: facilidade de estabelecimento de depósitos de material ilícito,

abastecimento de água, alimentos e energia disponíveis em abundância e uma fonte inesgotável de pessoal disposto a ingressar nas fileiras do crime.

Para o modelo teórico, qualquer povo, em qualquer momento, tem potencial para geração de insurgentes e o que a descrição da realidade nos mostra é que os narcotraficantes se mostraram mais hábeis nessa expertise que os próprios guerrilheiros. Dentre os fatores contribuintes para o despertar dessa disposição para o combate descritos por Heydte, o ambiente das favelas reuniu praticamente todos eles, desde o discurso revolucionário e o líder carismático até as condições sociais degradadas.

O resultado que se observa atualmente é um eficiente recrutamento de jovens e crianças, que vem ampliando rapidamente o quadro de pessoal das facções criminosas. Ainda existem aqueles que não aderem ao crime diretamente, mas por ser beneficiado por uma rede de apoio à população e pela própria economia local movimentada pelas facções. Normalmente, dadas essas condições, o morador não adere a causa estatal, mantendo então a liberdade de movimento dos criminosos, e o isolamento da força policial perante a população.

4.3 O COMBATE SUBTERRÂNEO E A TRANSIÇÃO PARA O COMBATE ABERTO CONTRA AS UPP

A teoria caracteriza o combate subterrâneo pela exacerbação da violência generalizada, sem no entanto configurar-se o combate, de modo a dispersar as forças do governo e submeter seus agentes a uma rotina extenuante. O que observamos no Rio de Janeiro a partir de 2012, foi o próprio governo contribuir de maneira definitiva para a dispersão de suas forças, poupando a criminalidade desse esforço. Após as forças de segurança imprimirem um relevante recuo do tráfico nas favelas, a instalação das UPP, serviu para consolidar a presença do Estado e iniciar um relacionamento de confiança com a

população local. De fato, a atuação da polícia proporcionou uma redução sensível nos índices de violência da cidade. No entanto, o projeto foi expandido pelo poder político sem o planejamento adequado, reduzindo a presença policial nas áreas pacificadas, e a desgastando a corporação como um todo.

A dispersão provocada pela medida foi percebida pelas lideranças do tráfico, que elevaram o grau da violência, especialmente contra policiais. Em uma demonstração de alto grau de sofisticação operacional, o narcotráfico comprovou saber fazer uso de ações não-cinéticas, bem como coordena-las em apoio a ações violentas de diversas naturezas. Um bom exemplo dessa assertiva foi a clara utilização da mídia, para expor supostos casos de violência policial ocorridos em UPP, prejudicando ainda mais a popularidade do programa. Além disso, sob mesmo pretexto, foram desencadeados diversos protestos violentos, de modo a dispersar a força policial localmente disponível, permitindo que ataques armados contra as instalações das UPP ainda mais fragilizadas.

Essa capacidade de mobilização dos moradores evidenciou que a influência dos criminosos permanecia, mesmo nas áreas pacificadas. Ao se tentar enquadrar a situação apresentada em uma das fases da guerra irregular, podemos verificar que as atividades da fase do combate subterrâneo ocorrem em paralelo com ações típicas da transição para o combate aberto, tornando confusa distinção entre as referidas fases. Essa variada gama de formas de atuação dos criminosos, eleva consideravelmente o grau de complexidade da decisão a ser tomada acerca de um modelo único de política de segurança pública.

O aumento da violência submeteu as autoridades do estado a um duro dilema: escolher entre a manutenção da política de aproximação ou retomar a política de enfrentamento. Em face às lamentáveis baixas sofridas pelos policiais de proximidade, a Secretaria de Segurança se viu obrigada a alterar o perfil da tropa das UPP, dotando-as com efetivos de unidades especiais, que de fato intervieram com vitórias táticas. No entanto, o

resultado aparente foi uma desvantagem estratégica para o programa. A bem sucedida política de aproximação, com uma polícia preparada para o relacionamento com os moradores, foi comprometida pela necessidade de novamente se priorizar as desgastantes atividades de combate.

4.4 CONCLUSÕES PARCIAIS

As observações feitas pelo Prof. Heydte sobre a tradição russa no campo da guerra irregular estão em plena consonância com as confirmações feitas pelo Prof. Douglass sobre o estabelecimento de uma estratégia revolucionária soviética que entre seus planos de ação continha a utilização do tráfico internacional de drogas para subverter a sociedade ocidental e ao mesmo tempo se utilizar do crime organizado como fonte de informações e disseminação da “doutrina” de guerra revolucionária soviética.

Os guerrilheiros brasileiros, todos de linha ideológica comunista, de fato ensinaram aos criminosos cariocas aspectos táticos e organizacionais de uma insurgência. Em pouco tempo, o CV pôde comprovar que os conhecimentos caíram nas mãos dos agentes mais vocacionados à guerra irregular. A conquista do apoio da população local, por parte da organização criminosa, havia obtido um sucesso maior que em todo o período de atividade da guerrilha.

O modelo teórico descreve o ambiente urbano que se formava em meados dos anos 80 como o mais favorável para a condução de uma guerra irregular. Tais seriam as vantagens apresentadas que o guerrilheiro poderia prescindir do apoio da população em prol da manutenção da cobertura fornecida pelo ambiente. Porém, o que verificamos de fato no Rio de Janeiro, foi que as facções criminosas estabeleceram uma estrutura de apoio à população, que desde os primeiros anos do CV, que não foi quebrada em momento algum,

nem tão pouco substituída pela presença do Estado. Tal persistência em manter essa estrutura, permite tomar como conclusão que o comando dessas quadrilhas tem a percepção de que o apoio da população é o seu centro de gravidade.

Do outro lado, o Estado, representado pelo governo do Rio de Janeiro, demonstrou ter despertado para a realidade de que seu problema de segurança pública havia evoluído para uma guerra irregular. A concretização do programa das UPP (que tem por princípios a presença permanente e a polícia de proximidade) é uma legítima demonstração da consciência deste fato por parte das forças estatais. No entanto, a inação das demais estruturas e serviços do Estado durante aproximadamente quatro anos de estabilidade proporcionados pela Polícia Militar revela que o poder político ainda não considera que o apoio popular é uma das principais fontes de poder desse mal que assola o Rio de Janeiro.

Além de não cumprir a agenda de inserção de serviços público no interior das favelas, o poder político promoveu um aumento insustentável do número de UPP. Tal medida otimizou o esforço do combate subterrâneo conduzido pelo narcotráfico, que segundo Heydte tem como meta a dispersão e o desgaste da força contra-insurgente. Como podemos constatar ao longo deste trabalho, as lideranças do tráfico, sempre exploraram de maneira eficiente e eficaz dos erros do estamento vigente. O que vem ocorrendo até os dias de hoje é uma espécie de contra-ataque, com características muito claras de uma guerra irregular conforme descrição de Heydte.

Podemos observar a incidência das ações características da fase do combate subterrâneo no qual se destacam ataques às instalações das UPP e suas patrulhas, de forma coordenada e simultânea. Adiciona-se a esse rol de atividades, o estabelecimento e manutenção de uma rede de controle e apoio à população das favelas por meio da imposição de um estamento próprio, peculiaridade da fase de transição para o combate aberto.

Após observarmos as similaridades entre guerrilhas e as facções do narcotráfico carioca, com destaque para o CV, se faz necessário considerar as devidas adaptações necessárias devido as diferenças entre os objetivos dos insurgentes e traficantes. Ao contrário da insurgência, o crime organizado não tem como condição de êxito a extinção da estrutura estatal. Interessa-lhe sim o enfraquecimento e o descrédito do Estado diante da população que lhe proporciona cobertura. Logo, a situação de transição para o combate aberto aparenta ser o estado final desejado dessas facções, bastando-lhes manter a impressão geral de que o Estado é incapaz de suprimir seu poder.

5 CONCLUSÃO

O propósito deste trabalho foi identificar possíveis pontos de aderência entre a teoria da guerra irregular moderna formulada pelo Prof. Friedrich August Von der Heydte e a conduta pela qual as facções do narcotráfico do Rio de Janeiro reagiram à instalação das UPP, revertendo os resultados positivos que vinham sendo apresentados pela ação das forças de segurança do estado.

Para atingir o nosso propósito, iniciamos o trabalho pela descrição do modelo teórico. Os aspectos da teoria, selecionados para análise, foram os relativos às características do terreno e da população favoráveis à guerra irregular, aos níveis de controle do território e as atividades desenvolvidas para estabelecer e manter esses níveis de controle.

Em sequência, fizemos uma abordagem histórica centrada na busca por fatos que dessem sustentação à hipótese de que elementos do crime organizado carioca estariam conduzindo uma guerra irregular. A verificação de que as forças de segurança do estado enfrentam um adversário mais complexo que o banditismo, deu-se pela investigação do comportamento das organizações criminosas diante da implementação das UPP.

O período selecionado para o estudo foi o enquadrado entre o início da instalação das UPP até o ano 2017, por serem às últimas estatísticas disponíveis. O que pudemos constatar é que de fato o programa obteve êxito, e este pode ser medido pela sensível queda nos índices de violência da cidade. Entretanto, após uma aceleração do programa de forma insustentável, o que notamos foi a sofisticada aplicação de uma doutrina de guerra irregular, tanto em aspectos táticos como estratégicos.

Do convívio com os guerrilheiros, constatamos que o modelo teórico de guerra irregular aprendido no presídio foi efetivamente posto em prática pelo CV, e

de forma comprovadamente mais eficaz que os guerrilheiros. Destaca-se a semelhança observada na condução do combate subterrâneo para a manutenção de uma área contaminada. Como exemplo dessa semelhança, podemos considerar o fato de que após o processo de estabilização, boa parte das facções foi expulsa pelas forças de segurança das áreas que seriam pacificadas, e no entanto, verificamos que essas áreas permaneceram sob influência dos criminosos, mesmo que em menor grau.

A outra fase característica da condução da guerra irregular, a transição para o combate aberto, foi bem caracterizada na forma com que o narcotráfico se estabeleceu em determinadas favelas e as tornaram verdadeiras áreas liberadas. Observamos a instalação de toda uma infraestrutura de defesa de território e uma escalada do poder de combate das facções. Na área por elas ocupadas, verificamos o estabelecimento de um estamento próprio por parte do tráfico, criando estruturas paralelas econômicas, assistenciais e até penais.

A estrutura de apoio às populações carentes como forma de obter o controle territorial mostrou-se uma ferramenta extremamente valorizada pelos traficantes, e jamais efetivamente atacada. Concluimos então ser possível que a dificuldade de libertar uma determinada comunidade da influência de uma organização criminosa resida na perenidade dessas redes assistenciais clandestinas.

Quanto às características do terreno, a urbanização desordenada e superpopulosa também constitui um elemento essencial para estrutura de poder construída pelas quadrilhas. Ao considerarmos a dimensão do favorecimento proporcionado pelas características geográficas das favelas, podemos inferir que este é principal elo entre o tráfico e determinadas áreas.

O emprego de táticas guerrilheiras são observadas a muito tempo pelos policiais do Rio de Janeiro. Porém, entendemos que o aspecto organizacional de forças irregulares, observado nas facções criminosas estudadas, constituem a principal ferramenta que viabiliza a

perenidade dessas organizações. A capacidade que as lideranças do tráfico têm de cooptar toda uma comunidade, e assim manter uma alta taxa de recrutamento, é o principal exemplo desse aspecto.

Este trabalho não se propôs a aprofundar o entendimento das causas da predisposição de um elevado número de jovens para o crime. Contudo, consideramos fundamental o avanço nesta área de conhecimento. O estudo tampouco se ateve à busca de soluções para a questão da segurança pública no que tange ao combate ao tráfico, mas, sim na investigação que contribua para uma correta identificação do problema. A solução do complexo caso de violência do Rio de Janeiro é totalmente dependente do perfeito entendimento da situação.

Uma vez confirmada a existência de um foco de guerra irregular em território nacional, cabe ao governo central a gestão deste problema, uma vez que as facções citadas possuem uma vasta rede de relacionamento, interestadual e internacional, extrapolando a capacidade das polícias de cada estado.

Diante da situação exposta, o emprego do poder militar do Estado contra a ameaça concreta que são as facções criminosas do Rio de Janeiro, é uma solução coerente. Consideramos portanto, fundamental a adaptação das Forças Armadas, onde se inclui a Marinha do Brasil, para o futuro que se avizinha. O preparo do pessoal, tanto moral como intelectual, serão indispensáveis para a obtenção do sucesso contra um inimigo que não é pressionado pelo tempo ou pelo espaço.

Concluimos este trabalho aplicando a situação do emprego das Forças Armadas no combate à violência, nas condições em que se apresentam no Rio de Janeiro, ao famoso paradoxo do ex-Secretário Geral da ONU, Dag Hammarskjöld (1905-1961), no qual ao referir-se às operações de paz afirmava que este não era uma trabalho para soldados, mas apenas soldados conseguem fazê-lo.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, Carlos. *Comando Vermelho, A História secreta do Crime Organizado*. 4.ed. Rio de Janeiro: Ed. Records, 1994. 226 p.
- CARVALHO, Olavo de. *A Nova Era e a Revolução Cultural: Fritjof Capra & Antonio Gramsci*. 4 ed. Campinas: Ed. Vide Editorial, 2014. Edição do Kindle.
- CRUZ, Cláudio Ramos da; UCKO, David H. *Beyond the Unidades de Polícia Pacificadora: Countering Comando Vermelho's Criminal Insurgency*. Small Wars and Insurgencies. v. 1, n. 29, p. 38-67, janeiro 2018.
- DOUGLASS, Joseph D. *Red Cocaine: The Drugging of America and The West*. 2 ed. London: Ed. Edward Harle, 1999. 182 p.
- FRANÇA, Júnia L. VASCONCELLOS, Ana Cristina de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007. 255 p.
- HERTLING, Mark P. Narcoterrorismo: a nova guerra não-convencional. Military Review. Fort Leavenworth. Edição brasileira, p. 50-65, 3º trimestre, 1990.
- HEYDTE, Friedrich August Von der. *A Guerra Irregular Moderna em Políticas de Defesa e como Fenômeno Militar*. Tradução de Jayme Taddei. 2 ed. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1990. 271 p. Título Original: Modern irregular warfare in defense policy and as military phenomenon.
- PEREIRA, Eimar Rodrigues. *Segurança Pública em Área de Risco*. 2001. 88 f. Monografia (Especialização em Segurança Pública) – Universidade Potiguar, Natal, 2001.
- RIO DE JANEIRO. Secretaria de Segurança, Instituto de Segurança Pública. *Balanco de Indicadores da Política de Pacificação (2007-2015)*. Rio de Janeiro. 2016. 24 p. Disponível em <http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/BalancodeIndicadoresdaPoliciadePacificacao2015.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2018.
- _____. Secretaria de Segurança, Instituto de Segurança Pública. *Rio de Janeiro: a Segurança Pública em números. Evolução dos principais indicadores de criminalidade e atividade policial no Estado do Rio de Janeiro – 2003 a 2017*. Rio de Janeiro. 2018. 29 p. Disponível em: <<http://www.ispdados.rj.gov.br/SiteIsp/SegurancaEmNumeros2017.pdf>>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- RODRIGUES, Thiago. *Narcotráfico, uma Guerra na Guerra*. 2 ed. São Paulo: Ed. Desatino. 2012. 144 p.
- SAMPAIO, Antônio. *Out of control: Criminal gangs fight back in Rio's favelas*. Jane's Intelligence Review, p. 44-48, dezembro 2014.

VISACRO, Alessandro. *Guerra Irregular: Terrorismo, guerrilha e movimentos de resistência ao longo da história*. São Paulo: ed. Contexto. 2009. 380 p.

ANEXO A

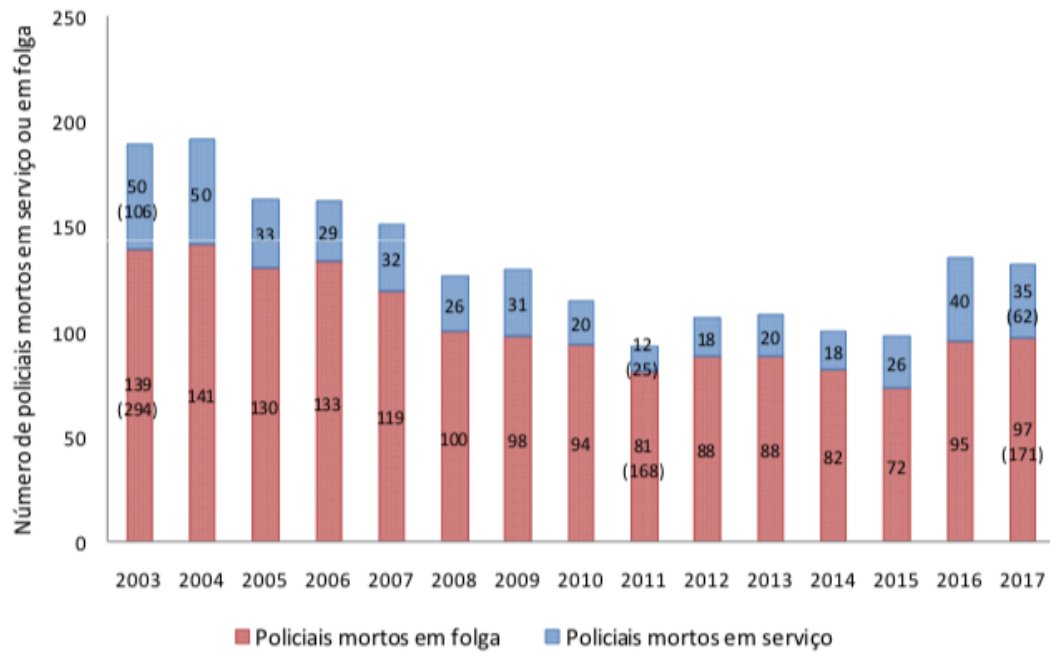


GRÁFICO 1 – Número de policiais mortos em serviço ou em folga entre 2003 e 2017.

Fonte: < <http://www.ispdados.rj.gov.br/SiteIsp/SegurancaEmNumeros2017.pdf>>. Acesso em: 21 Jun. 2018.

ANEXO B

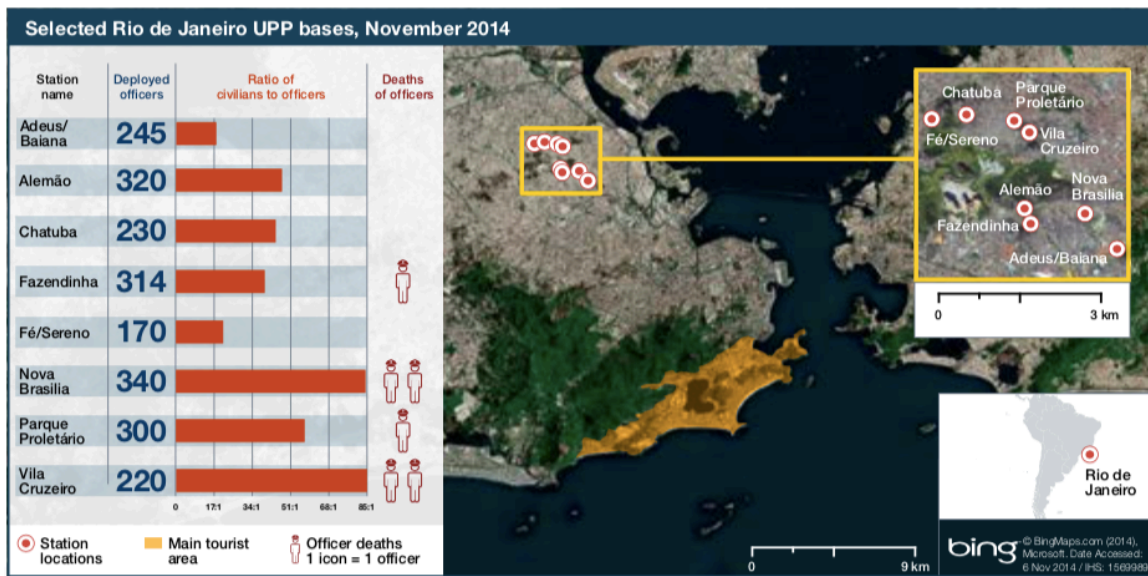


GRÁFICO 2 – Incidência de morte de policiais em serviço em UPP no mês de novembro de 2014.

Fonte: Sampaio, Antonio. *Out of Control: Criminal Gangs Fight Back in Rio's Favelas*. Jane's Intelligence Review 26, no. 12 (Dezembro 2014): p. 44–48.

ANEXO C

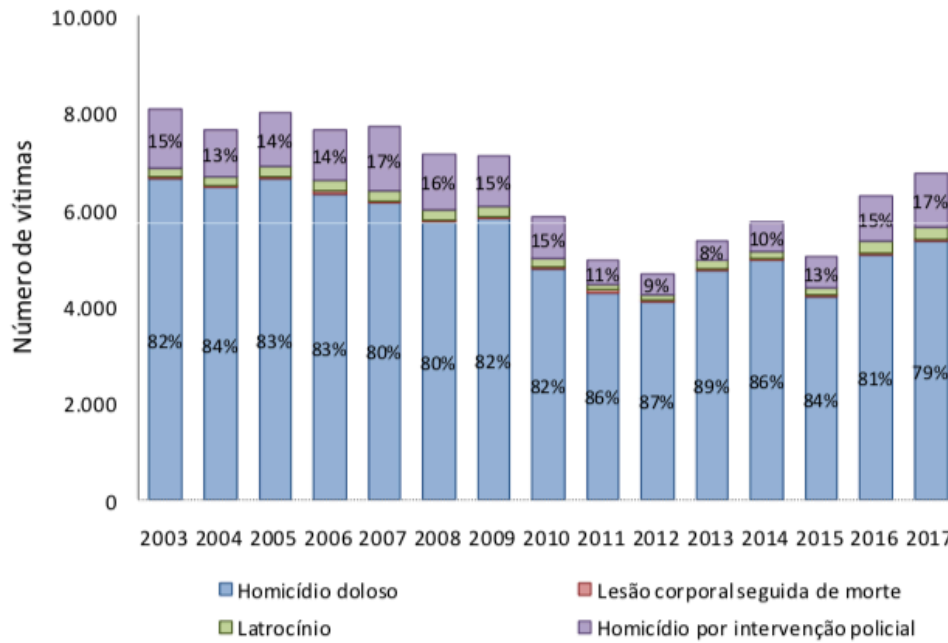


GRÁFICO 3 – Letalidade violenta entre 2003 e 2017.

Fonte: Elaborado pelo ISP com base em informações da PCERJ. Disponível em <<http://www.ispdados.rj.gov.br/SiteIsp/SegurancaEmNumeros2017.pdf>>. Acesso em: 21 Jun. 2018.

ANEXO D

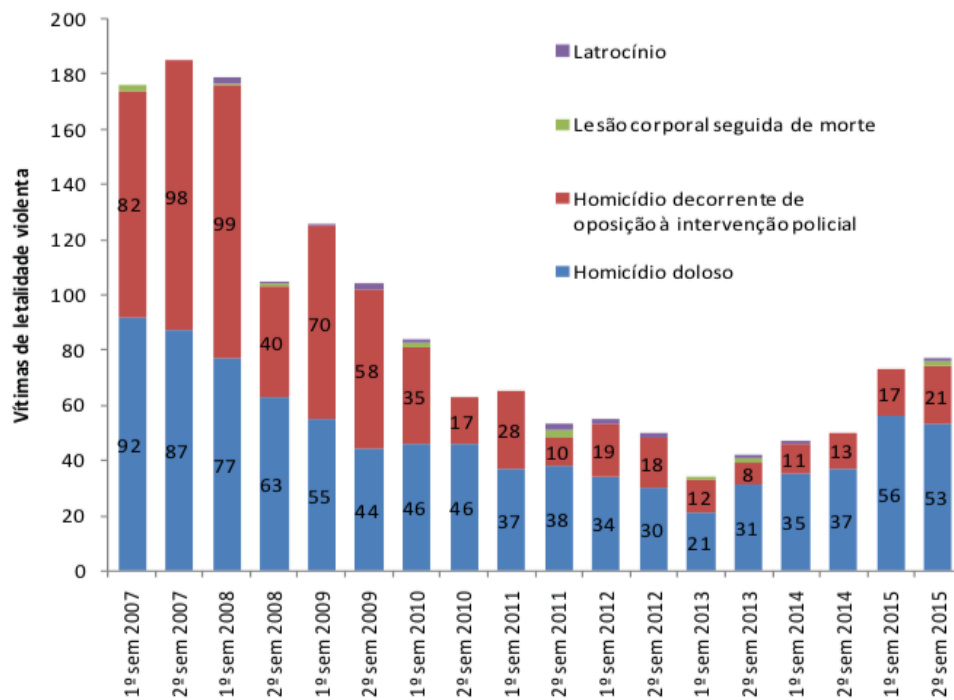


GRÁFICO 4 – Composição do indicador de letalidade violenta em áreas de UPP por semestre ENTRE 2007 e 2015.

Fonte: Balanço de Indicadores da Política de Pacificação (2007 - 2015). Elaborado pelo ISP com base em informações da PCERJ e PMERJ.

Disponível em <http://arquivos.proderj.rj.gov.br/isp_imagens/Uploads/BalancodeIndicadoresdaPoliciaedePacificacao2015.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2018